

EMPREENDEMENTOS COOPERATIVOS E DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA: ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE UMA COOPERATIVA DE COSTURA NO BAIRRO DA MATA ESCURA

**Izabel Cristina Barreto Costa*

. Liliane Ferreira Mariano da Silva

Renata Camarotti

RESUMO

O artigo discute a relação entre as práticas cooperativistas e autonomia no ambiente de trabalho, tomando como pressuposto que tais empreendimentos - através do estímulo à cidadania, solidariedade e formação de unidades de vizinhança - vêm se apresentando como alternativa para alcançar o desenvolvimento local, através da superação das desigualdades e da exclusão, além de favorecer a ampliação da autonomia, já que assume como pressuposto a livre associação, a autogestão democrática e a administração conjunta do empreendimento. O presente artigo adota como marco teórico a Psicologia Social Comunitária, tendo identificado e analisado estratégias de mobilização para o desenvolvimento sustentável, preocupando-se especificamente em investigar como papéis desempenhados em uma cooperativa podem contribuir para o desenvolvimento da autonomia. Os resultados permitem concluir que apesar das posturas assumidas pelas integrantes denotarem pouca autonomia, é possível identificar o seu desenvolvimento no que se refere à construção de uma consciência crítica acerca do processo vivenciado.

Palavras-chave: *Autonomia, Cooperativa, Psicologia Social Comunitária.*

INTRODUÇÃO

Este estudo analisa as implicações trazidas pelas relações de trabalho pautadas pelo modo de produção capitalista na vivência de grupos de baixa renda, enfatizando novas possibilidades de articulação para geração de trabalho e renda. Dentre estas implicações

pode-se citar o aumento significativo das diferenças socioeconômicas, o contexto de crise (fome, violência, desemprego, etc.) aos quais os indivíduos estão expostos e a exclusão dos indivíduos em relação a diversos aspectos da vida em sociedade, a exemplo do mercado de trabalho, do acesso aos bens de consumo e até mesmo aos meios de sobrevivência fundamentais. É neste contexto que as práticas cooperativistas se inserem, como uma alternativa para amenizar ou tentar ajudar os indivíduos a superar tal situação possibilitando-lhes outras alternativas de sobrevivência.

Tais práticas cooperativistas parecem coincidir com pressupostos da atuação da psicologia no campo social-comunitário, na medida em que esta preocupa-se com as possibilidades de desenvolvimento da autonomia, levando em consideração a capacidade de identificar necessidades mais urgentes e a possibilidade de planejar ações visando a satisfação de tais necessidades. Esta também oferece um entendimento mais amplo das dimensões sociais com as quais o homem interage, já que concebe o trabalho como um dos principais elementos de transformação da subjetividade, fazendo emergir novas necessidades e demandas que vão tornando as relações de produção e poder cada vez mais complexas (GUARESCHI, 1996).

A partir da Psicologia Social-Comunitária, acredita-se que é através da conscientização crítica que o homem é capaz de se autogerir, ou mais especificamente, adotar uma postura mais ativa em relação ao seu contexto (LANE, 1993). Partindo desse pressuposto, torna-se de extrema importância esclarecer o papel do cooperativismo como possibilitador de outras formas de vivência comunitária, já que este adota na sua organização princípios da Economia Social, a qual baseia-se no processo econômico que tem como centro o indivíduo (IRION, 1997).

Sendo esta última uma economia empresarial de livre associação, com criação de atividades autônomas voltada para autogestão democrática, tem objetivos direcionados a solidariedade e democracia, dando prioridade fundamental aos seus adeptos e, ao mesmo tempo, ao trabalho que é desenvolvido, em especial ao capital na distribuição dos benefícios e o mais importante, a administração coletiva do empreendimento, contribuindo assim para a prática autogestionária (IRION, 1997).

O conceito “potência ação” é utilizado por Barboza (2000), para caracterizar o processo de autogestão que se realiza quando os indivíduos se unem, acrescentando algumas características que podem e devem fazer parte do mesmo, sendo elas, a ética, a emancipação, a afetividade, a intersubjetividade e as emoções, que seriam potencializadas quando o indivíduo torna-se independentemente autônomo, superando o determinismo, o autoritarismo e a massificação. A partir do enfoque social, os cooperados são entendidos como atores sociais que buscam soluções para os problemas enfrentados no seu cotidiano.

Entende-se também que num ambiente cooperativo, a autonomia e independência se retroalimentam, no sentido de que se um cooperado garante sua autonomia em relação ao seu meio externo e interno ao grupo, ele está garantindo sua independência em relação aos mesmos aspectos, e se esta por sua vez existe, fortalece a autonomia do cooperado (IRION, 1997). Tanto a autonomia quanto a independência, pressupõem um equilíbrio mutável entre influências externas e decisões internas. Isto porque as regras internas de uma cooperativa são de tal modo ajustadas as influências externas, que se refletem nos negócios, que por sua vez são a sua sustentação na sociedade. Assim, quando decisões devem ser tomadas, elas tanto direcionam-se para os fatores externos quanto para os internos.

Singer (2002) faz algumas considerações importantes referentes à cooperativa e suas interconexões com o desenvolvimento da autonomia de seus cooperados: para que esta seja possibilitada, é necessário que todos os cooperados, enquanto um grupo, estejam comprometidos com informações relevantes para a cooperativa, assim como disponíveis para a criação de possíveis alternativas na solução dos problemas que podem vir a emergir. Essas novas soluções podem acarretar em mudanças no funcionamento do grupo, tais como o encerramento de atividades antigas, exigindo posteriormente a aprendizagem de novas técnicas, o que pode ocasionar conflitos de opiniões e/ou de interesses, os quais podem ameaçar a união e a solidariedade do grupo.

A cooperação é entendida, segundo Bogardus (1964), como algo que envolve tanto o trabalho quanto o viver diariamente em comum nos diferentes níveis da atividade social, alcançando um plano de desenvolvimento social superior ao que eles se encontravam, sendo este novo plano também mais rico, estável e estimulante para os seus participantes. Entendida deste modo, a cooperativa pressupõe a formação de um grupo, que de acordo

Lane (1993), constitui-se como condição fundamental para se conhecer as determinações sociais que agem sobre os indivíduos, e para que estes ajam, enquanto seres históricos, de modo a transformar a sociedade, o que só é possível quando os indivíduos se unem em prol de uma causa.

Fávero e Eidelwein (2004) esclarecem a importância de uma cooperativa essencialmente pela sua função, desenvolvida em grupo, que torna o diálogo imprescindível, com a realização de reuniões, troca de idéias e experiências, além das relações de amizade e o bom relacionamento entre os cooperados. Singer (2002) complementa este aspecto ressaltando que o bom funcionamento do empreendimento cooperativo depende, em certa medida, da participação de todos os cooperados e do interesse em ficar a par do que acontece dentro da cooperativa, o que contribuiria para eliminar qualquer iniciativa de competição entre os cooperados. A partir destas considerações acerca do funcionamento em grupo no contexto cooperativo, é possível dizer que o sucesso e o fracasso do empreendimento dependem da autonomia e comprometimento dos cooperados para com o mesmo.

METODOLOGIA

O projeto tem realizado uma pesquisa de cunho qualitativo, que de acordo com Biasoli-Alves (1999) busca apreender o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, ou seja, garante captar os diferentes significados de experiências vividas, através das falas e dos comportamentos dos sujeitos, estando estes integrados ao contexto em que estão inseridos. Baseia-se na metodologia da observação participante, já que esta possibilita considerações mais abrangentes em torno de como os papéis referentes à participação dentro da cooperativa contribuem para o desenvolvimento da autonomia dos seus cooperados. A cooperativa pesquisada está situada no bairro da Mata Escura, na cidade de Salvador-Bahia, sendo esta composta por 20 integrantes.

A observação tem sido desenvolvida no ambiente de trabalho da cooperativa, durante os dias de produção, da qual resulta a elaboração de um diário de campo. Os dados referentes ao desenvolvimento da autonomia das cooperadas estão sendo coletados por uma estudante do sexto semestre, do curso de Psicologia. A coleta de dados referente a este relatório aconteceu durante os meses de agosto de 2007 a fevereiro de 2008, resultando até o momento em um total de 55 encontros com a cooperativa.

RESULTADOS

Os dados abaixo apresentados foram inicialmente categorizados levando em consideração: as questões identificadas no funcionamento do empreendimento; as intervenções realizadas pela equipe de assessoria junto ao grupo; e as conseqüências do processo de intervenção nas posturas assumidas pelo grupo no que se refere à autonomia, e sua relação com possíveis mudanças no modo de funcionamento da cooperativa e no seu desenvolvimento de forma mais ampla.

1. Questão identificada: indefinição do tipo de produto a ser comercializado

Intervenção: estabelecimento de parceria para doação de retalhos / estímulo à criação de peças com o material

Conseqüência da intervenção: definição da atuação do grupo no segmento de confecção feminina / retorno de cooperadas afastadas do empreendimento

Nos primeiros encontros com as cooperadas, o grupo encontrava-se em processo de mudança com relação ao produto que seria então comercializado. Anteriormente eram confeccionados bonecas, almofadas, acessórios de cozinha e etc. Após a equipe de assessoria, em parceria com uma das cooperadas, conseguir que uma empresa que trabalha com malhas doasse regularmente retalhos para a cooperativa, as costureiras começaram a confeccionar roupas de retalhos. Inicialmente houve resistência do grupo com relação à utilização do material, tendo a equipe de assessoria trabalhado no sentido de mostrar as possibilidades de utilização da malha e estimular a criação de peças por parte das

costureiras. Havendo grande aceitação das peças, tanto no mercado externo – público do bairro e de outras regiões, quanto no ambiente interno, já que a cooperativa também passou a consumir o que produzia, as cooperadas passaram a demonstraram maior envolvimento e comprometimento com a produção. Esta mudança foi especialmente visível quando algumas cooperadas que já não vinham à produção, tanto por motivos pessoais e de saúde, quanto por desentendimentos ocorridos no empreendimento, ficaram sabendo da mudança de produto a ser confeccionado e voltaram a comparecer na produção, o que pode ser confirmado pela fala de uma das cooperadas: “vim hoje aqui porque Joelma me disse que a cooperativa estava com novidades” (sic.).

2. Questão identificada: cumprimento dos prazos com relação às encomendas recebidas

Intervenção: criação de uma planilha com peças a serem produzidas, datas dos pedidos e tempo de execução

Conseqüência da intervenção: diminuição do tempo necessário para entrega das encomendas recebidas

Foi identificado pela equipe de assessoria que em decorrência da alta incidência de encomendas, as cooperadas deixavam de atender às encomendas mais antigas e dedicavam-se à confecção das mais recentes, apresentando dificuldade, portanto, de gerir o empreendimento de forma mais ágil. Como meio de garantir que as encomendas fossem executadas em um período de tempo mais curto, atendendo, portanto, às exigências de prazo feitas pelo consumidor, foi proposta pela equipe de assessoria a criação de uma planilha em que constassem, por ordem de efetivação, todas as encomendas recebidas - de modo que a execução das peças fosse organizada por ordem de encomenda - e também anotações sobre o tempo de confecção de cada peça, o que favoreceu a visualização de todo o processo de produção no final de cada mês, por todas as cooperadas.

3. Questão identificada: inexistência de mostruário para busca de novos clientes

Intervenção: criação de um catálogo, de um kit de peças produzidas e de um mostruário de tecidos

Conseqüência da intervenção: variação dos tipos de modelos produzidos

As cooperadas tinham grande dificuldade em executar e efetivar novas encomendas devido à inexistência de peças para demonstração, o que levou a equipe de assessoria a propor a criação de um catálogo em que constassem fotos e descrição das peças; também foi proposta a criação de um catálogo com amostras dos tecidos e as cores disponíveis. Com relação à necessidade também apontada de ter a disposição um kit de peças que permitisse ao cliente verificar a qualidade do acabamento dos produtos, ainda existe por parte do grupo uma dificuldade em ter um excesso de produção que permita compor o kit, já que na maioria das vezes as peças que são levadas para divulgação acabam sendo comercializadas, o que aponta para novas demandas no que se refere à intervenção da assessoria. A necessidade de criação de modelos para divulgação teve como uma de suas conseqüências o aumento da variedade de peças produzidas.

4. Questão identificada: desentendimento no ambiente de produção/ dificuldade na resolução de problemas

Intervenção: aluguel de uma sede, conseguida através de parcerias, com a participação do grupo no processo de negociação

Conseqüência da intervenção: utilização do espaço para venda de produtos

Outra transformação na organização do empreendimento refere-se à sua formalização junto à JUCEB – Junta Comercial do Estado da Bahia e Receita Federal. Entretanto, por não possuir uma sede equipada para a produção, sendo necessário utilizar o espaço cedido por um projeto desenvolvido em uma escola pública do bairro de Mata Escura – onde outras atividades também são desenvolvidas – é constante a existência de desentendimentos no ambiente de produção, em função da dificuldade de separar os materiais pertencentes à cooperativa e ao projeto. A atuação da cooperativa na tentativa de resolver tais problemas parece caracterizar-se pela busca de culpados, sem uma análise mais ampla da complexidade característica da utilização simultânea de um mesmo espaço por 3 grupos distintos. Como solução, a equipe de assessoria buscou oficializar uma sede para a cooperativa, o que ainda está em andamento, já que o parceiro que custeava o aluguel da sede é temporário.

5. Questão identificada: dificuldade com relação ao poder de decisão

Intervenção: eleição de membros do empreendimento para ocupar as diretorias

Conseqüência da intervenção: decisões tomadas apenas nos encontros com todo o grupo, com permanência do poder de decisão delegado às diretorias

Com relação ao poder de decisão dentro do grupo, as cooperadas evidenciam certa dependência tanto da equipe de assessoria, quanto das pessoas que ocupam as diretorias da cooperativa. Apesar do aparente consenso com relação às decisões tomadas nas reuniões entre a equipe de assessoria e as cooperadas, é comum o surgimento de opiniões contrárias às manifestadas em reunião, com comentários posteriores, problemas de comunicação e desentendimentos. Os membros da cooperativa parecem desenvolver uma postura ambígua com relação à diretoria, na medida em que delegam o poder de decisão a ela e, ao mesmo tempo, interpretam os posicionamentos assumidos pelas dirigentes como uma tentativa de imposição de suas idéias, ou como desejo de tornarem-se proprietárias do empreendimento.

6. Questão identificada: dependência em relação a uma única pessoa para a condução do processo produtivo

Intervenção: incentivo na confecção de peças de forma autônoma, nos dias em que a diretora de produção não estivesse presente

Conseqüência da intervenção: criação de dias alternativos de produção e aumento da autonomia com relação à produção

Em relação à dependência e centralização da produção na diretora encarregada, foi constatado que algumas cooperadas só concebiam o funcionamento das atividades da cooperativa se a diretora de produção, especialmente capacitada para o corte e a modelagem das peças, estivesse presente. Como intervenção, o grupo de assessoria foi, gradualmente, incentivando as cooperadas mais comprometidas com a produção a confeccionar uma peça completa sem a ajuda de outra pessoa, já que no empreendimento todas deveriam estar igualmente capacitadas para o desempenho das tarefas necessárias ao seu funcionamento. Como conseqüência, constatou-se uma significativa mobilização por parte de algumas das cooperadas para que tal descentralização acontecesse, sendo criado um outro dia de produção, no qual a encarregada de produção não estivesse presente. Contudo, mesmo sendo uma proposta interessante para o desenvolvimento da autonomia das cooperadas no seu ambiente de trabalho, os resultados alcançados pela iniciativa parecem ser ao mesmo tempo positivos e negativos. Positivos, pois garantiram a

oportunidade de que as cooperadas pudessem decidir o que deveria ser feito de forma mais independente; e negativo porque a produção realizada nestes dias geralmente apresentava defeitos posteriores, o que confirmava a impressão inicial do grupo acerca da dificuldade de funcionar sem o acompanhamento constante da diretora de produção, o que gerou desmotivação no grupo.

Apesar de tal dificuldade, este dia de produção não deixou de acontecer, mas teve o seu funcionamento revisto. Novas peças deixaram de ser confeccionadas, sendo o dia destinado à finalização de peças já existentes e preparação da matéria prima para início de novas peças - a exemplo da separação e emenda de retalhos - o que, na percepção das cooperadas, permitiu maior agilidade no processo de produção e entrega das encomendas, sendo mantida a função da encarregada de produção na criação e corte dos modelos. Quanto ao surgimento de desentendimentos no grupo, foi verificado que as cooperadas ainda demonstram muita dificuldade em resolver as questões emergentes através do diálogo, o que acaba resultando no afastamento das cooperadas do espaço de produção. Nestes casos, a presença de uma pessoa capaz de intermediar a resolução dos problemas mostrou-se fundamental.

7. Questão identificada: dificuldades de algumas cooperadas em cortar e modelar as peças confeccionadas

Intervenção: inserção de um aluno do curso de moda no ambiente de produção

Conseqüência da intervenção: comportamentos mais autônomo na concepção e elaboração das peças produzidas

Mesmo tendo sido criado um dia alternativo de produção, sem a presença da encarregada da mesma, foi possível identificar a eleição por parte do grupo, de forma consciente e/ou inconsciente, de outra cooperada para assumir tal papel, o que acabou impossibilitando que todas as cooperadas presentes na produção assumissem papéis até antes nunca assumidos, como por exemplo, a possibilidade de cortarem tecidos e modelá-los. Estas tarefas passaram a ser feitas por apenas uma das cooperadas, restando para as outras a tarefa de costurar os retalhos. Foi proposto, portanto, pela equipe de assessoria, a inserção de um aluno do curso de Design de Moda da UNIFACS, com o intuito de que este novo integrante incentivasse a produção, ensinando e estimulando as cooperadas na criação

de novos modelos, além de encorajá-las a cortar as peças que iriam costurar. Como consequência, foi constatado que grande parte das cooperadas já se mobilizaram para que tais tarefas sejam executadas sem a interferência de outra pessoa; sendo assim, as escolhas das cores dos tecidos, o corte, a escolha dos modelos e a costura dos retalhos passou a ser realizada por cada uma das cooperadas de forma independente, sendo solicitadas opiniões às demais participantes apenas na finalização e acabamento das peças. Este dado aponta, de forma significativa, para o aumento progressivo do sentimento de responsabilidade e capacidade técnica em relação à tarefa que desempenham.

8. Questão identificada: devolução de peças, devido a problemas com as peças confeccionadas

Intervenção: incentivo à mudança da costura reta para a costura overloque

Consequência da intervenção: mudança no tipo de costura e inovação nos modelos produzidos

Como primeira experiência para as emendas dos retalhos, as cooperadas utilizavam a costura reta, o que acarretou na devolução e no retorno de muitas peças para conserto. Isto deixou muitas costureiras desestimuladas com a produção, o que pode ser confirmado pela fala de uma das cooperadas: “ah, essas peças só fica voltando, esse ano eu tô me sentindo desestimulada com a cooperativa” (sic.). Como intervenção da equipe de assessoria, foi sugerido que a costura dos retalhos passasse a ser feita no overloque, por possibilitar uma costura mais resistente. Com a nova técnica adotada pelo grupo, as peças confeccionadas deixaram de ser devolvidas para serem refeitas. De início o grupo apresentou resistência frente à mudança contudo, em pouco tempo, o grupo mudou a forma de costurar os tecidos e, paulatinamente, novos modelos foram sendo criados, o que tem aumentado as expectativas das cooperadas com relação a aceitação de seus produtos no mercado externo.

9. Questão identificada: falta de acabamento em algumas das peças produzidas

Intervenção: incentivo para que as próprias cooperadas assumissem a responsabilidade pela qualidade do acabamento das peças

Consequência da intervenção: aumento da preocupação quanto ao acabamento das peças

Durante o carnaval as cooperadas deixaram de produzir para a cooperativa e passaram a costurar fantasias para a Fábrica do Carnaval e, durante três semanas consecutivas, trabalharam diariamente com carga horária de aproximadamente 10hs/dia no ambiente de produção. Foi identificado que durante este tempo as cooperadas pareciam se sentir mais responsáveis quanto à tarefa que estava sendo ali desempenhada, especialmente quanto ao acabamento das fantasias que, por ter muitos detalhes, acabava exigindo das cooperadas maior atenção quanto à finalização de cada peça. Além disso, havia um responsável pelas fantasias que diariamente aparecia na produção para verificar o que estava sendo feito, quais os aviamentos que faltavam e para avaliar o acabamento e a beleza de cada peça. Como intervenção, a equipe de assessoria sinalizou para o grupo o quanto ele estava mais atento à qualidade do trabalho de confecção das fantasias, e de como isto também poderia acontecer com os produtos da cooperativa. Conseqüentemente, ao retomar a produção da mesma, as costureiras estavam mais preocupadas com o acabamento (beleza e qualidade), estando este fato atrelado às devoluções das roupas, que retornavam por falta de uma verificação mais cuidadosa na finalização de cada peça. Cabe salientar que em alguns momentos é solicitado tanto à equipe de assessoria, quanto ao consultor de moda (aluno do curso de Design de Moda) que ocupem esta função; nestes casos a estratégia da equipe de assessoria tem sido, de forma constante, estimular a assunção desta responsabilidade por parte das próprias cooperadas, já que estas possuem as capacidades profissionais para desempenhá-las.

10. Questão identificada: muito tempo despendido na confecção de encomendas

Intervenção: estímulo a utilização dos retalhos disponíveis

Conseqüência da intervenção: confecção de peças extras e modelos diversos

Por conta das encomendas a produção ultimamente vem focalizando-se no atendimento dos prazos dos pedidos, o que geralmente não acontece rapidamente por conta da falta de tecido para a confecção das peças, devido às poucas cores disponíveis. A preocupação das cooperadas em confeccionar apenas as encomendas vem tornando a confecção de peças extras impossibilitada. Em relação a esta questão, não foi necessária a intervenção da equipe de assessoria, pois as próprias cooperadas se deram conta do quanto o atendimento apenas das encomendas estava atrasando o processo produtivo, o que fica

explícito na fala de uma das integrantes: “a gente tem que fazer outras peças que não seja apenas as que já estão encomendadas, para utilizar estes tecidos que estão aqui há mais tempo! Para fazer roupas para vender nas feiras e até mesmo aqui pelo bairro” (sic.). Depois desta colocação da cooperada, o grupo aceitou a proposta e começou a costurar peças mais acessíveis para os moradores do bairro.

Partindo-se do pressuposto de que os programas de intervenção desenvolvidos em ambientes coletivos solidários devam buscar contribuir para sua gestão e organização (COUTINHO & OUTROS, 2005), pode-se ter como resultado a percepção das intervenções realizadas pelo grupo de assessoria como condizentes com os princípios do cooperativismo e da economia solidária, na medida em que procuraram promover situações que contribuíssem para uma nova forma de organização do empreendimento, além de colaborar para a efetivação de uma gestão participativa favorecedora do desenvolvimento da autonomia das cooperadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da observação participante no contexto de produção da Cooperativa Flor da Mata, foi possível constatar que apesar das diversas situações de crescimento e mudanças do seu ambiente organizacional e da superação de dificuldades provenientes do meio social em que vivem - baixo nível socioeconômico, violência, desemprego, etc. - as integrantes do empreendimento ainda evidenciam dificuldades em assumir posturas mais autônomas no ambiente cooperativo, mesmo cientes dos pressupostos e princípios da Economia Solidária.

Apesar das limitações metodológicas da observação participante, que possibilita apenas a caracterização da amostra estudada e dificulta a imediata generalização dos dados analisados para a realidade de outras cooperativas, os dados mostram-se adequados ao propósito do trabalho de investigar como os papéis referentes à participação na cooperativa contribuem para o desenvolvimento da autonomia dos cooperados. Como possibilidade de continuidade deste projeto de pesquisa, uma perspectiva interessante pode ser a ampliação do universo estudado, com a inclusão de visitas e entrevistas a outros empreendimentos

cooperativos no segmento de confecção visando, através da análise de suas trajetórias, estabelecer comparações acerca de como o desenvolvimento da autonomia ocorre em tais iniciativas.

Por fim, os dados confirmam a necessidade de estudos voltados para a análise de iniciativas que busquem a saúde psíquica e a melhoria das condições de vida de grupos inseridos em contextos de precariedade - a exemplo das práticas cooperativistas - de modo que seja possível compreender o impacto de tais ações na subjetividade dos seus participantes e como estas influenciam na formação da sua identidade como um grupo, já que se entende que tanto a Psicologia do Trabalho quanto a Psicologia Social Comunitária devam ter como propósito o desenvolvimento da autonomia e da solidariedade, buscando re-significar a identidade profissional do trabalhador/cooperado e fortalecer os vínculos grupais (COUTINHO & OUTROS, 2005).

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Daiani. Cooperativismo, cidadania e a dialética da exclusão/inclusão: o sofrimento ético –político dos catadores de material reciclável. *Revista Psicologia e Sociedade*, vol.: 12, nº.: 1 e 2, 2000.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. A pesquisa em psicologia – análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. IN: ROMANELLI, Geraldo; BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1999.

BOGARDUS, Emory S. *Princípios de cooperação*. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1ª ed., 1964.

COUTINHO et all. *Novos Caminhos, cooperação e solidariedade: a psicologia em empreendimentos solidários*. Porto Alegre: Psicologia & Sociedade, vol. 17, nº. 1, 2005. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 21 de ago. de 2007.

COAMO – AGROINDUSTRIAL COOPERATIVA. *Cooperativismo no Brasil*. 2005. Disponível em: <http://www.coamo.com.br>. Acesso em: 25 de mai. de 2007.

FAVERO, Eveline & EIDELWEIN, Karen. *Psicologia e cooperativismo solidário: possíveis (des.) encontros*. Porto Alegre: Psicologia & Sociedade, Vol.: 16, nº.: 03, 2004.

GUARESCHI, Pedrinho A. CAMPOS. Relações comunitárias: Relações de dominação. IN: Helena de Freitas (org.). Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à autonomia. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, cap. 05, pág.: 81-99, 1996.

IRION, Dr. João Eduardo. Cooperativismo e Economia Social: A prática do cooperativismo como alternativa para uma economia centrada no trabalho e no homem. São Paulo: Editora STS Publicações e Serviços Ltda., 1997.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. O processo grupal. IN: LANE, Silvia T. M. e CODO, Wanderley (orgs.). Psicologia Social: O homem em movimento. São Paulo: Editora Brasiliense, parte: 3, cap.: 1, ed.: 11, pág.: 78-98, 1993.

PEDREIRA, Juçara et all. Tecnologia Social: Uma estratégia para o desenvolvimento, fundação Banco do Brasil, RJ, 2004.

RIOS, Gilvando Sá Leitão. O que é cooperativismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 2ª ed., 1989.

SINGER, Paul. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1ª ed., 2002.

*I Graduanda em Psicologia (UNIFACS); Bolsista de Iniciação Científica (CNPq);

*II Arquiteta (UFBA); Especialização em Urbanismo (Paris-Val-de-Marne); Doutora em L'Etudes de l'Amerique Latine (Université Sorbonne Nouvelle - Paris III); Coordenadora do curso de Arquitetura da UNIFACS;

*III Graduada em Psicologia (UFBA); Especialização em Coordenação de grupos operativos (Núcleo de Psicologia Social da Bahia); Responsável pela área de Psicologia Social Comunitária (UNIFACS); Professora do curso de Psicologia (UNIFACS).